UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

# A ALFABETIZAÇÃO CÊNICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A EXPERIÊNCIA NA EMEF. FREDERICO OZANAN

Joelma Santos Castilhos

Pelotas, 2019

**Joelma Santos Castilhos**

# A ALFABETIZAÇÃO CÊNICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A EXPERIÊNCIA NA EMEF. FREDERICO OZANAN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao apresentado ao curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof[a.] Dra. AndrisaKemel Zanella

Pelotas, 2019

Joelma Santos Castilhos

**A alfabetização cênica nos anos iniciais do ensino fundamental: a experiência na EMEF. Frederico Ozanan**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 04/12/2018

Banca Examinadora:

Prof. Drª. AndrisaKemel Zanella (orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof. Drª. Ney Bruck
Doutor em Psicologia

Prof. Ms. Maureen Silveira Mantovani
Mestre em Artes Visuais

**Agradecimentos**

Dedico este trabalho às pessoas mais presentes em minha vida:Inicio meus agradecimentos por DEUS, já que ele colocou pessoas tão especiais a meu lado, sem as quais certamente não teria dado conta deste trabalho!

Aos meus pais, por me terem dado educação, valores e ensinado a andar. A meu pai (*in memoriam*), que onde quer que esteja nunca deixou de me amar, nem de confiar em mim. Pai, meu amor eterno.

Aos meus filhos com carinho dedico o meu amor eterno Manuela Castilhos da Rosa, Pedro Castilhos da Rosa e Maria Castilhos da Rosa pela paciência, das minhas ausências de mãe, que dias e noites fiquei sem conversar e dar a devida atenção necessária para poder pensar o que escrever... AMO MUITO VOCÊS!

Ao meu marido Pedro Aurélio Albuquerque, meu amor, amigo, parceiro por estar ao meu lado e ter compreendido as minhas ausências de fim de semana (e meu estresse) e principalmente nos momentos finais do TCC. TE AMO meu amor!

Quero agradecer aos meus amigos(as) que sempre me incentivaram a me manter de pé, a nunca desistir, Jailson dos Santos Valentin com seus conhecimentos de Artes, viagens e mundo, eterno carinho tenho por você! Enfim, por só quererem o meu bem e me valorizar tanto como pessoa. Obrigada pela amizade!

À escola Frederico Ozanan, pelo espaço, confiança e liberdade de ser uma professora propositora. Agradeço todos os alunos(as) que passaram por mim e que trago comigo cada um de vocês.

A coordenação Pedagógica Liane e Diretora Angelica. Aos professores e demais funcionários da Faculdade de Teatro Licenciatura da UFPel, com carinho especial a Prof.ª Drª. Gisele Cecchini, pelas aulas de interpretação e pelas aprendizagens do que é ser atriz/ator, professor deteatro. Você estará para sempre em minha memória. Principalmente pela solicitude e solidariedade perante minhas dificuldades. Aos professores, Ney Bruck e Maureen que aceitaram compor minha banca de TCC.

À Prof.ª Dr.ªAndrisaKemel Zanella, minha orientadora e exemplo profissional, você não foi somente orientadora, mas, em alguns momentos, conselheira e amiga. Você foi e é referência profissional e pessoal para meu crescimento. Obrigada por estar a meu lado e acreditar tanto em mim! E por não ter permitido que eu interrompesse este processo e pela confiança depositada. Quando “crescer”, eu quero ser como você. Com vocês, queridos (as), divido a alegria desta experiência.

# RESUMO

CASTILHOS, Joelma Santos. **A alfabetização cênica nos anos iniciais do ensino fundamental: a experiência na EMEF. Frederico Ozanan**.2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Teatro Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Este trabalho de conclusão de curso desenvolvido no Curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas teve como objetivo introduzir a alfabetização cênica com prática teatral em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, refletindo sobre a prática educativa de uma professora que sai do papel de pedagoga para ser professora de teatro. A pesquisa foi desenvolvida buscando olhar uma experiência que chamei de alfabetização cênica, inspirada no texto de Porfiro (2006). O estudo nasceu do desejo de trabalhar com crianças e de refletir sobre os efeitos que um trabalho de proposição em Teatro faz emergir entre crianças do primeiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Frederico Ozanan. A metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa e se caracterizou por ser uma pesquisa-ação, buscando focar o corpo como produtor de sentidos. As imagens fotográficas e de vídeo foram a forma que se buscou para capturar o processo vivido. Com as crianças investi na investigação do teatro na escola, por meio da experiência e proposições pautadas no corpo, que desencadearam ações e a construção de um processo de conhecimento em teatro e autoconhecimento de si no ambiente escolar. Considera-se que tal formato de trabalho trouxe resultados muito positivos, dentre os quais se destacam questões relativas à emergência de aulas de teatro nos anos iniciais, com enfoque na alfabetização cênica.



**Palavras-chave**: Teatro. Alfabetização Cênica. Anos Iniciais. Escola.

## ABSTRACT

CASTILHOS, Joelma Santos. **Scenic literacy in the early years of elementary school**: the experience in EMEF. Frederic Ozanan.2019. Final Paper - Theater Degree Degree, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This course conclusion work developed in the Degree Theater Course of the Federal University of Pelotas aimed to introduce the scenic literacy with theatrical practice in a class of elementary school, reflecting on the educational practice of a teacher who leaves the role of pedagogue to be a theater teacher. The research was developed looking at an experience that I called scenic literacy, inspired by the text of Porfiro (2006). The study was born out of the desire to work with children and to reflect on the effects that a propositional work in theater has emerged among first year children of the Early Years of Elementary School at FredericoOzanan Municipal Elementary School. The research methodology has a qualitative approach and was characterized by being an action research, seeking to focus the body as a producer of meanings. Photographic and video images were the way to capture the lived process. With the children I invested in the investigation of theater in school, through the experience and propositions based on the body, which triggered actions and the construction of a process of knowledge in theater and self-knowledge in the school environment. Such work format is considered to have brought very positive results, among which stand out issues related to the emergence of drama classes in the early years, focusing on scenic literacy.



**Keywords:** Theater. Scenic Literacy. Early years. School.

## LISTA DE FIGURAS


Figura 1 E.E. Leopoldo Tietbohl…….. 13
Figura 2 Preparação e apresentação na rua..... 14
Figura 3 Apresentação. Esquina Democrática..... 15
Figura 4 Apresentação..... 15
Figura 5 Aula de teatro..... 16
Figura 6 Aula de teatro..... 16
Figura 7 Minicurso..... 19
Figura 8 TutoriaemEAD..... 20
Figura 9 Folders UNIARTE..... 21
Figura 10 Disciplina de Encenação-2018..... 22
Figura 11 Montagem I /2019..... 23
Figura 12 Apresentação da Peça “Duelo de Mágicos”..... 28
Figura 13 Trabalhando o Faz de Conta com fantoche e personagem..... 30
Figura 14 Roda de conversa..... 37
Figura 15 Fim de aula..... 38
Figura 16 Exercício..... 39
Figura 17 Teatro na sala..... 39
Figura 18 Improvisação..... 40
Figura 19 Improvisação..... 41
Figura 20 Improvisação..... 41
Figura 21 Jogo..... 43
Figura 22 Apresentação..... 44
Figura 23 Apresentação..... 47
Figura 24 Apresentação..... 47

**SUMÁRIO**

**Introdução..... 10**
**1. Eu e o mundo: caminhos que me trouxeram até aqui..... 12**
**1.1 Recomeço..... 12**
**1.2 Unindo as pontas para dar nós..... 22**
**2. Referencial Teórico..... 28**
**2.1 Tramando os fios..... 28**
**2.2 Um olhar sobre o jogo..... 31**
**2.3 A importância do teatro nos anos iniciais..... 33**
**3. Percurso investigativo..... 38**
**3.1 A prática realizada..... 38**
**As lições: reflexões finais..... 52**
**Referências Bibliográficas..... 56**

# INTRODUÇÃO

*Somos feitos de linhas.*
*(Deleuze, Guatari)*

Este trabalho de conclusão de curso desenvolvido no Curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas teve como objetivo introduzir a alfabetização cênica com prática teatral em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, refletindo sobre a prática educativa de uma professora que sai do papel de pedagoga para ser professora de teatro. Como objetivos específicos: realizar uma prática com jogos dramáticos e teatrais; promover a alfabetização cênica dos alunos do 1º ano dos anos iniciais; construir com os alunos possibilidades de teatrar em sala de aula; pensar a performance de ser professora de teatro dentro do âmbito escolar, focando o teatro como conhecimento.

Durante essa caminhada muito refleti em como faria o trabalho final, o TCC. Já vinha alinhavando com a escola e desde os estágios pensando de que forma poderia visibilizar a importância do teatro no espaço escolar para além das datas temáticas. Outro ponto que me deixava intrigada era eu ser aluna do curso de Teatro e já estar professora e fazer trabalhos na escola e ser reconhecida somente como Pedagoga e não como professora de Teatro. Esse estado de fronteira gerou em mim um desconforto que necessitei mexer. Não é que as duas áreas não possam dialogar juntas, mas visibilizar o Teatro como um campo de conhecimento sensível era o meu desejo. Para tanto decidi realizar uma pesquisa-ação, demarcando um espaço como professora de Teatro, professora artista dando visibilidade às ações praticadas e compartilhadas por mim e com alunos da turma pesquisada. A pesquisa aconteceu na Escola Frederico Ozanan da rede pública Municipal da cidade de Pelotas, durante o primeiro semestre de 2019, entre os meses de maio e julho.

O embasamento teórico partiu dos conteúdos trabalhados nas disciplinas de Pedagogia do Teatro e nos Estágios, enfocando principalmente o teatro nos anos iniciais, a partir da ideia de alfabetização cênica, em que me inspirei para desenvolver o trabalho no 1º ano do Ensino Fundamental.

O estudo em questão aponta para a importância de valorizar e qualificar o espaço do teatro na escola, destinado à infância. O teatro lida com as questões que envolvem a percepção, a sensibilidade e as emoções, mas também a expressão do gesto criador e afetivo, a consciência de si e do corpo do sujeito em relação ao grupo ao qual pertence. As crianças expressam-se também com o corpo, fato que demonstra que somos uma totalidade. Sentimos que, nesses momentos de proposição feita às crianças, vêm à tona as memórias e suas histórias de vida, em que é possível perceber que elas expressam mais alegria, demonstrando-se mais afetivas.

# 1. EU E O MUNDO: CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

*Agora não quero saber mais nada,*
*só quero aperfeiçoar o que não sei.*
*(Manoel de Barros)*

Nesse capítulo falo sobre Eu e o mundo, apresentando meu vínculo do passado com o presente, o início de meus processos e experiências pedagógicas, minha história, minha vida até hoje, e como cheguei ao Ensino de Teatro.

## 1.1 Recomeço…

A minha vida pessoal e profissional está profundamente marcada pelos desejos e paixões, pelo Teatro, Dança, Desenho, Música e pela Educação. Quando criança eu brincava muito de pega-pega, elefante colorido, pular corda, sapata, cantigas de roda, boneca, teatro (fantasiava-me para representar personagens, heroínas, vestia–me com lençóis, usava a bolsa e as perucas de minha mãe, as pinturas de minhas irmãs, colocava salto alto, fazia um grande barulho no assoalho do nosso apartamento). Também adorava pegar folhas para rabiscar e desenhar, expressar as minhas ideias.

Lembro-me que, quando voltava da escola, a primeira coisa que fazia era trocar de roupa e descer correndo pelas escadas do meu edifício de pé-no-chão, para ir ao encontro da “minha pracinha”. Lá estavam todos a postos, quero dizer, os meus amigos já me esperavam para brincarmos de correr, esconde-esconde, andar de patins ou brincar de amarelinha. As ruas eram calmas, pouco movimentadas e a gurizada brincava sem problemas.

Na escola, eu era uma aluna tímida, silenciosa, mas muito atenta a tudo e a todos. Aliás, eu sempre gostava de participar dos eventos escolares: Festa de São João, Semana Farroupilha, peças de teatro, tudo era muito divertido! E as horas passavam despercebidas...

Fig.1: E.E.LeopoldoTietbohl. Porto Alegre, 1979.
Foto: acervo da autora.

Minhas memórias da infância no espaço escolar em Porto Alegre foram com música, participando do antigo Orfeão, hoje conhecido como coral – que repercutiu anos depois na minha participação por 8 anos no coro da UFPEL, como soprano.

Fui crescendo, aprendendo, brincando de ser professora. Desde cedo já tinha claro que eu queria ser educadora, trabalhar com pessoas, com o lado humano. No final de cada aula, juntava os restos de giz, as folhas mimeografadas que eram colocadas na lata de lixo da sala de aula, para depois brincar de ser professora com as minhas amigas que faziam papel de alunas. Tive professoras que marcaram positivamente e negativamente a minha identidade do que é ser educadora.

Foi na 4ª série que realizei minha primeira participação em teatro, que entrou na minha vida com a ajuda de uma professora admiradora da arte teatral. Lembro que era o texto da escritora Maria Dinorah *O Pinto Verde*[1] e fazia o personagem de uma fazendeira na história. A professora realizou uma oficina de teatro para saber quem tinha interesse de participar da peça, partindo de jogos teatrais, em uma proposta lúdica. Esta educadora serviu de modelo, de influência para minha formação e para minha paixão pela arte do teatro, principalmente do teatro na educação e na sala de aula.

1 Livro “Pinto Verde E Outras Estórias” de Maria Dinorah da Editora Melhoramentos.

O tempo passou... Entre 1987 e 1991 participei do grupo de teatro de rua *Oficina Perna de Pau,* em Porto Alegreque fazia teatro populare acreditava nas Artes Cênicas como elemento importante na transformação da sociedade, tendo como referência o grupo de teatro de rua *"ÓiNóis Aqui Traveiz*" também da mesma cidade.

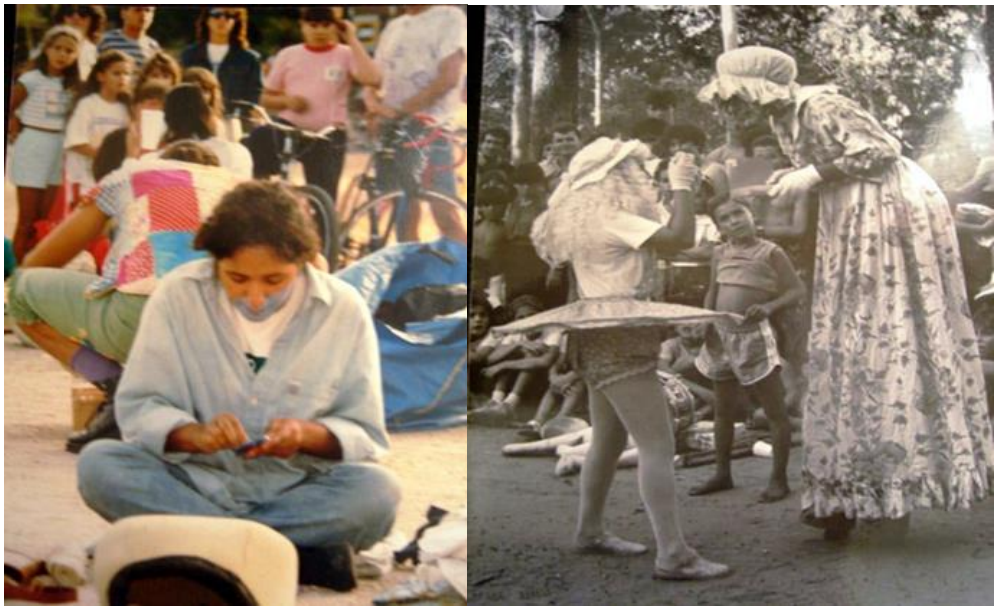

Fig. 2: Preparação e apresentação na rua. Porto Alegre,1989.
Fotos: acervo da autora.

No início fiz parte de oficinas de Teatro de rua na Casa de Cultura Mário Quintana, ministradas por Helena Quintana (sobrinha do poeta alegretense Mário Quintana) em Porto Alegre. Era um curso de introdução a improvisação, interpretação e leitura dramática. Mais tarde, participei como atriz das peças *Era uma vez no Natal*, *o Tiquinho* e *A Família*, criação coletiva do grupo, e *A Donzela, a Velha e o Marinheiro*, um texto do espanhol Federico Garcia Lorca. Apresentando esses trabalhos em espaços públicos, feiras, eventos empresariais, Expointer, na cidade de Esteio. Durante esse tempo viajei por diversas cidades do Rio Grande do Sul, como Capão Novo, Caxias do Sul, Canela, Gramado e outras, e no exterior, em Montevidéu, Uruguai.

Participamos do Festival de Teatro em Canela, RS, patrocinado pelo Serviço Social da Indústria (SESI), que promovia o II Festival de Teatro Infantil. No festival ministrei uma oficina de perna de pau.

Fig. 3: Apresentação. Esquina Democrática. Porto Alegre, 1989.
Foto: acervo da autora.

Com o teatro de rua aprendi - e continuo aprendendo - o exercício da improvisação, da escuta, do olhar para o outro, de aprender com este um modo diferente de pensar o mundo.

Figura 4: Apresentação. Parque da Redenção. Porto Alegre,1990.

Foto: acervo da autora.

Ingressei no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e procurei estabelecer relações entre o educar através das Artes, no caso, o uso dos métodos experimentais, promovendo e instaurando encontros na sala de aula. Pensando a relação Arte-Educação, participei na Faculdade de Educação de disciplinas do campo do Teatro-Educação, ministrada pela professora Vera Bertoni dos Santos, momento em que tive a oportunidade de conhecer os fundamentos teóricos e a prática do Teatro na Educação. Quanto às aulas, experimentava uma tranqüilidade, pois era familiarizada com a temática. Aprendíamos muito do teatro como método de ensino e da Arte Teatral.

Fig. 5: Aula de teatro. Faced / UFRGS, Porto Alegre,1997.

Fotos: acervo da autora.

Fig.6: Aula de teatro. Faced / UFRGS, Porto Alegre, 1997.
Fotos: acervo da autora.

Outra disciplina muito importante na minha formação inicial da graduação foi sobre desenhos/pinturas para Educação Infantil, com a professora Analice Dutra, que trabalhou algumas noções de que não se ensinava técnicas e sim a percepção. A Pedagogia me trouxe muitas possibilidades, de ser uma pessoa voltada, comprometida com a realidade e conseguir relacionar, compartilhar esse repertório das Artes nas minhas abordagens pedagógicas.

Além disso, no período do estágio curricular da Prática de Ensino, trabalhei no planejamento de aula o projeto: *Os Possíveis Olhares do Corpo Biológico e Cultural*, com uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal Centro do Trabalhador Paulo Freire, vinculada à prefeitura de Porto Alegre. O objetivo do projeto era pensar a temática corpo, mais precisamente “que corpo é este que temos?” analisando conceituações que usualmente partem de visões biológicas, deixando em segundo plano o corpo cultural.

Posteriormente, em 2005, trabalhei na prefeitura Municipal de Alvorada, RS, como educadora titular das series iniciais, com uma de 2ª série, com crianças de classes populares, quando desenvolvi um projeto de Teatro na sala de aula. Nos dias em que fazíamos oficina teatral, cantávamos, brincávamos, movimentávamos o corpo em representações na sala de aula. Utilizávamos textos teatrais, pois o jogo dramático faz parte do cotidiano da criança, segundo Peter Slade. Procurava ser uma educadora artista, propondo uma *Pedagogia*

*do Corpo*, da vida, do afeto, do sentido. Percebi o prazer e a alegria ao educar por meio de experiências estéticas.

Tinha um propósito de compreender a arte teatral, musical e visual e as suas implicações na educação, nas crianças e principalmente em mim como educadora. Com essas experiências fui capaz de investigar os benefícios, os efeitos, acertos, erros e as noções ocorridas no espaço e tempo na aprendizagem, num processo de humanizar, socializar e sensibilizar na escola: buscando a alteridade[2] na educação.

Concomitante à experiência da Pedagogia na UFRGS, em 1993, participei do grupo *Da Boca Pra Fora*, um grupo vocal regido por Martinez Nunes, como soprano. Na época, esse grupo era formado por vários músicos[3] que me vem à lembrança.

Manifestei desde meu primeiro semestre no curso, em 1996/1, interesse em pesquisar na disciplina *Pesquisa em Educação*, coordenada pela prof.ª. Margarete Axt. No final do semestre, para fins de conclusão da disciplina, essa professora solicitou a seus alunos que elaborassem um trabalho sobre um tema da educação. Na época, fazia estágio na Fundação de Bem Estardo Menor (FEBEM /ICM) hoje com nome de Fundação Atendimento Sócio-Educativo (FASE), em Porto Alegre. Lá, escrevi um projeto sobre a relação dos Menores Infratores com a Música, *"A Música Popular entre os Menores Infratores".* Esta pesquisa trouxe-me uma gratificante experiência teórica e prática, além de causar grande impacto entre os colegas e professores, a tal ponto que, na época, acabou sendo registrada no *homepage* da disciplina.

Em janeiro de 2006, vim morar em Pelotas por razões familiares. Em setembro do mesmo ano, iniciei as aulas no Curso de Especialização em Educação Infantil, na Faculdade de Educação, FAE, UFPEL promovida pela mesma instituição e grupo de pesquisa Cultura, Infância e Educação Infantil. Logo, minha experiência com a Pedagogia, o Teatro, as Artes Visuais e a Música foi mobilizada[4].

2É quando consideramos o outro,ou seja, reconhecemos o outro na sua diferença e cultura
3Martinez Nunes, Ana Krüger,Claudia Diniz, Elba Bay, Fábio Fogo, Jorge Herrmann.
4Em setembro, fui convidada pela Prof.ª Raquel Silveira, da Faculdade Atlântico Sul de Pelotas, para *inspirar* os alunos da Educação Física com jogos teatrais. Eles puderam conhecer de perto a linguagem teatral, até por que, diga-se de passagem, seriam futuros

No decorrer das disciplinas que realizei e dos cursos que ministrei meu artigo para conclusão da Especialização versou sobre "*O Teatro na Formação de Educadores/as: Possíveis Relações com uma Prática Pedagógica Significativa",* com orientação do professor Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo. O artigo investigava as relações que o teatro estabelecia com a educação, isto é, na transformação do educador/a, relação educador-aluno no espaço escolar, a partir da arte teatral, da pedagogia do corpo, da sensibilização para o jogo da alteridade (onde incidem a percepção das noções de tempo e espaço).

Fig.7: Minicurso no 7º Poder Escolar. Pelotas /RS. 2006.

---

professores que trabalhariam com o corpo. Em outubro fui convidada pela Prof.ª. Elisa Vanti, professora do Curso de Pedagogia para participar da Oficina de Jogos Teatrais e Expressão Corporal, no seminário *A Infância Dura A Vida Inteira*, realizado na Faculdade de Educação (FAE), da Universidade Federal de Pelotas. Já no ano de 2007 em abril, convidada pelo Diretório Acadêmico do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UFPEL, para participar da oficina de teatro *Brincando, se Divertindo e Aprendendo*, da XXV Semana Acadêmica da Pedagogia. Em junho, a convite do Prof. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo ministrou o Mini Curso – *Formação de Educadores para Infância: A Vida como Centro do Processo Educativo*, no 7ª Poder Escolar. Em julho participei com a prof.ª. Tânia Porto na disciplina Práticas Educativas V, da Faculdade de Educação da UFPEL, pude fazer uma vivência de jogos teatrais com as suas alunas do Curso de Pedagogia, brincando com os corpos.

Foto: acervo da autora.

Nesse sentido o meu olhar reflexivo aconteceu durante a minha experiência de campo, enquanto ministrante de uma oficina de teatro para as alunas da Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em abril de 2007. Torna-se importante salientar que os objetivos desse trabalho foram os seguintes: permitir que as alunas tivessem conhecimento do teatro através do corpo enquanto uma metodologia para trabalhar em sala de aula; despertar o potencial do educador; trabalhar a sensibilidade a partir da imagem, levando a descobrir o seu corpo, a das colegas; por fim, perceber o ambiente que cerca uma sala de aula, uma escola.

Creio que o êxito da educação na escola depende muito de como os educadores apresentam as suas propostas e desafiam os seus alunos para as atividades.Spolin (1963, p.3) ressalta, “que aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações”. O aspecto da linguagem teatral que me surpreende a partir de Viola Spolin é o sistema de jogos teatrais que tem por base os jogos de regras, que propõe uma condição educacional diferente, onde o grupo constrói junto de forma prazerosa o aprendizado - portanto, que dispensa o educador autoritário, aquele que sabe tudo. Nesse caso o professor/a participa como estimulador e mediador do processo, tendo uma postura para a sensibilidade, uma educação do sentir, do conversar, brincar, rir, chorar e olhar no ensino das artes.

No Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do então Instituto de Artes e Design, o IAD, hoje Centro de Artes, cursei a disciplina Teatro e Educação, com a prof.ª. Fabiane Tejada, que foi a minha coorientadora na Especialização em Educação Infantil, ondeaprendi processos, troquei experiências com colegas e professores, o que contribuiu para minhas práticas pedagógicas, e, ainda que de forma incipiente, para a discussão de textos e autores que subsidiariam a montagem de meu projeto de mestrado. Contribuíram também para a consecução de minha proposta de mestrado alguns eventos pontuais[5], em

5O evento *Educação Estética e Formação Docente (*FaE/UFPel); *1º Ciclo de Estudos Sobre Narrativas e Processos (Auto) Formadores, Narrativas de Imagens-Lembranças das*

2007e 2008, como cursos de capacitação, aperfeiçoamento e tutorias. Nestas, conheci polos de EaD das cidades do interior do RS, a exemplo de Camargo.

Fig. 8 Tutoria em EaD na cidade de Camargo, alunos e professores Legenda
Foto: acervo da autora.

Em síntese, desde o curso de Pedagogia até hoje, é para a temática das artes, enfatizando o teatro, a música, as artes visuais, o corpo, que tenho deixado os olhos bem arregalados, procurando ler, estudar, ouvir, observar, questionar, enfim, sigo formar as minhas crenças sobre o papel do professor/a engajado em temas que envolvem a educação estética, corporeidade, a infância, e a formação docente, com ênfase em educação popular.

Durante o mestrado, ministrei oficinas em outros “pagos”, como em Dourados, MS, na *Uniarte 30 Anos: Educação e na Arte na Construção da Sociedade Contemporânea e XI Encontro Multidisciplinar De Educação,* em 2014. O convite me permitiu divulgar/compartilhar minha pesquisa para professores da rede pública e privada, universitários dos cursos de Pedagogia e Artes Visuais e comunidade. Palestrei sobre o tema Arte e Educação, e ministrei uma oficina para os alunos de Pedagogia, de Artes visuais e de Educação Física.

---

*Aprendizas de Professoras;* tutoria no Curso de Pedagogia à distância do Centro de Educação à Distância, CEAD, UFPEL; cursos de capacitação e aperfeiçoamento em linguagem tecnológica, buscando me aprofundar no tema.

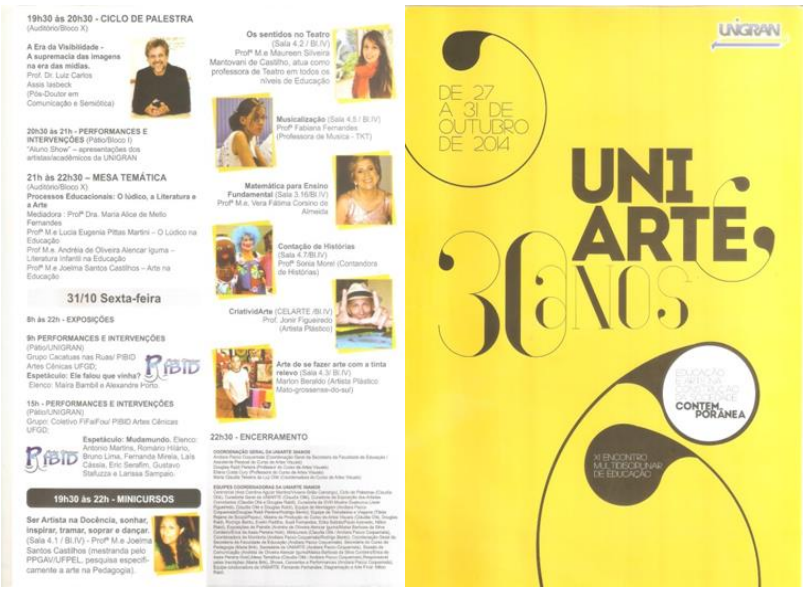


Fig. 9: Folders UNIARTE, Dourados, MS, 2014.
Acervo da autora.

O teatro, as artes visuais e a música me fizeram sensível e são importantes nesse trajeto para pensar, refletir esse exercício docente, de modo transdisciplinar. Penso isto, porque gosto de dar aula, gosto das crianças e gosto de educadores/as, gosto das relações e trocas entre as “gentes”, o estar - junto é bom! E o espaço escolar carece de pessoas atuam de forma sensível.

## 1.2 Unindo pontas para dar os nós

Após um longo percurso como pedagoga, ingresso no Curso de Teatro Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas /RS. No decorrer desta segunda graduação pude conhecer voltar a atuar, encenar, aprender como se dirige uma peça, de que forma trabalhar com os atores.

Fig.10: disciplina de Encenação-2018 eu e meus atores

Foto: acervo pessoal da autora

Destaco uma experiência que considero importante, a disciplina de Encenação, que foi ministrada por dois professores maravilhosos Adriano Morais e Nara Salles em que aprendi como se organiza uma peça de teatro. Por mais que tenha sido um espetáculo curto, exigiu planejamento, roteiro, escolhas dos jogos, bem como dos autores que subsidiaram a criação. O projeto de encenação intitulado *"Me Gritaram Negra"* da autora Victoria Santa Cruz, uma leitura dramática foi realizada com alunos do ensino médio da Escola Estadual Nossa Senhora de Lurdes.

Fig.11: Montagem I /2019

Foto: acervo pessoal da autora

No 7ª semestre da faculdade de Teatro licenciatura atemos a disciplina de Montagem I, onde pude ter a experiência que há muito tempo não exercia que era de atuar como atriz. Foi muito interessante, pois revivi um tempo que estava guardado no baú das memórias artísticas. Pois eu tinha tomado uma decisão que era não atuar mais, mas sim me tornar professora de teatro. Mas de repente a disciplina me atravessou e me desafiou a enfrentar de novo os palcos. Não foi fácil, mas no final deu tudo certo, e foi emocionante. Procurei me dedicar, estudar e ter a responsabilidade de fazer um espetáculo de qualidade e aprendi de como um professor atua numa montagem de uma peça.

A montagem escolhida pelo professor Paulo Gaiger foi três esquetes do autor Ivo Bender: *As Freiras, Amor Gaúcho, O casal e o Juiz*.

Colado a essa experiência, vieram os estágios que foram e são de suma importância na construção do que é ser uma professora de Teatro dentro do ambiente escolar na prática.No primeiro estágio que foi na Educação Infantil, escolhi a escola Municipal Frederico Ozanan para estagiar, por já existir um sentimento de afetividade, amorosidade e pertencimento com a comunidade escolar, aonde sou professora contratada alfabetizadora dos anos iniciais do 1ª ano. Nesta escola foi que desenvolvi esta pesquisa de TCC, tendo a oportunidade de ter contato com crianças com vontade de viver o fazer teatro e exercitar-meprofessora-personagem.

O segundo, estágio II,foi no Ensino Médio da Escola Estadual Amílcar Gigante com características de comunidade de classe popular. Jovens em situações de vulnerabilidade social, com autismo, alguns já pais, mães com idade entre 16 e 25 anos. Nesse estágio estava cheia de expectativas, porque nunca tinha dado aula como professora de teatro, antes era apenas oficineira, trabalho voluntário, mas finalmente tinha chegado o grande dia. Iniciei trabalhando com metodologias de criação que se baseava na abordagem do Teatro do Oprimido do autor Augusto Boal, em que se trabalha de forma libertária. As quatro linguagens artísticas se integram através da teatralidade. Das corporalidades, das espacialidades. Esse estágio foi marcante para mim, compreender que os problemas não serão eliminados, não vão desaparecer e nem podem ser ignorados, mas a partir deles que eu vou criar possibilidades.

Não coube durante o estágio II deixar qualquer ideia pronta e acabada a respeito do que é ser professora de teatro numa turma de ensino médio, sem sugerir qual a melhor forma de ser professora, mas sim de contribuir com questões que pudessem vir a desestruturar algumas verdades.

No terceiro estágio, na comunidade, foi muito interessante, pois tive que fazer em dupla. Até então eu tinha feito os outros estágios sozinha e surgiu a proposta de fazer com o colega Carlos Eduardo.  Tudo sucedeu de forma tranquila e harmoniosa e com muito respeito. Tínhamos criado um projeto de teatro com o título: *Teatro na comunidade experienciando a integração de diversas linguagens*. A ideia central era abrir espaço ao aluno na busca por um conhecimento sistêmico, uma ampliação nos aspectos de sua vida como

cultura, realidade, política social e artística através da linguagem teatral visual motora e musical.

Proporcionando a eles a sua primeira experiência teatral de uma forma eficiente e dinâmica. Levamos através dos nossos encontros noções básicas de teatro que poderão servir futuramente como uma ajuda para o mercado de trabalho, situações de conversa em grupo, interação com os colegas e superação de problemas que tangenciavam a concentração e o dinamismo das aulas. Também proporcionamos às crianças e adolescentes um contato com as linguagens teatrais e suas ramificações (brincadeiras). Para que a turma pudesse construir um repertório rico em experiências individuais e em grupo do seu corpo e do corpo de seu colega. Trabalhando a sensibilidade e a relação com o outro, com o espaço e consigo. O nosso público a que se destinava eram crianças e pré-adolescentes que pertencem a comunidade das Doquinhas e Porto. Que vivem em situação de vulnerabilidade social, ética, afetiva.

Durante essa experiência foi possível construir um olhar delicado, sentimentos de amorosidade e associar a vida e o teatro, prazer, estar junto, escutar o outro, conectar as experiências com os conteúdos, isso tornou as aulas de teatro mais emotivas. Considerando todas as adversidades que tínhamos contra nós, foi então que buscam o sem nós a mudança,como o sistema não muda nos mudamos, dando aulas que envolvia emoção, histórias de vida e felicidade.

Há 2 anos leciono na escola Municipal de Ensino Fundamental Frederico Ozanan/ RS, atualmente com o 1ª ano. Já trabalhei com o 2ª, 3ª, 4ª e 5ª ano, com alunos (as) com faixa etária variada que vai dos 8 a 14 anos, e que vivem em situação de vulnerabilidade social. Esses puderam ter a experiência que me mostraram outras possibilidades de ser uma professora propositora, pesquisadora, comprometida com questões de gênero, classe social, raça e etnia, violência. Vivenciei com eles demonstração de solidariedade e como aprender a aprender na subjetividade humana.

Foi na Escola Frederico Ozanan que surgiu o meu interesse de desenvolver a pesquisa, por estar há um tempo observando o cotidiano das aulas de Artes e ao perceber a ausência de teatro, nasceu o desejo de junto com as crianças pequenas teatralizar. Sendo assim compreendo que essa

pesquisa vai ser muito importante para refletir a respeito de práticas e teorias das artes cênicas nos anos iniciais, percebendo que o Teatro é um campo de conhecimento que se constrói na mobilização de sentimentos, do autoconhecimento, do pertencimento e das potencialidades, repercutindo nas crianças, a partir de integralidade entre o sentir, expressar, criar, representar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

*Cavamos para alimentarmos a terra*
*com os nossos sonhos na*
*esperança de colhermos*
*uma vida mais*
*Brincante*
*(Marcelo Cunha Bueno)*

Neste capítulo apresento os referenciais que nortearam a minha pesquisa, trazendo autores que considerei relevantes para amplificar as reflexões e me provocassem nessa construção. Nesse sentido, meu olhar reflexivo e sensível ao longo do texto ancorou-se na convergência entre o que venho estudando e o trabalho desenvolvido nas aulas de teatro com as crianças.

### 2.1. Tramando os fios

O estudo em questão aponta para a importância de valorizar e qualificar o espaço do teatro na escola, destinado à infância. O teatro lida com as questões que envolvem a percepção, a sensibilidade e as emoções, mas também a expressão do gesto criador e afetivo, a consciência de si e do corpo do sujeito em relação ao grupo ao qual pertence. As crianças expressam-se também com o corpo, fato que demonstra que somos uma totalidade, não apenas um cérebro. Sentimos que, nesses momentos de proposição feita às crianças, vêm à tona as memórias e suas histórias de vida, sendo possível perceber que elas expressam mais alegria, demonstrando-se mais afetivas.

Segundo Telles &Florentino (2009, p.53):

> Da mesma maneira, o jogo teatral na escola pode ter sua beleza reconhecida, quando realizado dentro de um clima de alegria, intensidade, prazer e tensão; quando obedece às regras propostas pelo professor ou pelo grupo ou, ainda, quando reinventa outras; quando tem caráter livre e não é imposto; quando instaura uma realidade cênica diferente da vida cotidiana; quando tem sua área de

> jogo delimitada ou enquadrada e quando, pela imaginação, cria inúmeras imagens e metáforas decorrentes de um processo contínuo de simbolização.Dessa maneira, o jogo teatral deixa de ser um simples exercício, a ilustração de um tema ou mesmo um mero momento de brincadeira e se define como uma experiência estética. Experiência que surge pela interação imediata do sujeito com o objeto confeccionado no momento presente e que é, portanto, dinâmico e efêmero, mas sobre tudo vivo e pulsante.

Por este motivo, a noção do jogo teatral, enquanto objeto estético, segundo os autores acima, permitirá nos reconhecer na escola, em meio a sua rotina diária, a confecção e a leitura de uma teatralidade, marcada pela tessitura efêmera e carregada de beleza e poesia.

Dentro deste contexto, a formulação de uma pedagogia voltada para o jogo teatral se torna fio condutor para potencializar o ensino e a aprendizagem do teatro em escolas de educação básica seguindo os princípios da linguagem teatral (TELLES & FLORENTINO, 2009)

Podemos verificar que por meio das brincadeiras envolvendo o corpo no espaço, do correr, do saltar, do esconder, a criança começa desde cedo a organizar seus primeiros desenhos ou composições cênicas. Segundo Slade(2009, p.26), o aprendizado do teatro tem início com “o jogo pessoal”, através do qual a criança se lança no espaço, percebendo-o em sua tridimensionalidade, geografia e distâncias e, ainda, inventando personagens e consequentemente espaços de representação.

> Ela vai, aos poucos, adquirindo noções de profundidade, tamanho, volume e equidistância, ou seja, começa a estabelecer relações formais a partir do próprio espaço. O objetivo do jogo teatral na escola é, portanto, retomar esta primeira experiência de liberdade da criança no espaço, agora apreendida e elaborada de uma maneira consciente e expressiva. Deste modo, a construção da teatralidade na escola consiste em desenvolver, no aluno, este olhar progressivamente consciente, tornando cada gesto e cada ação no espaço, intencional. (SLADE, 2009, p.26).

Nessa perspectiva, a noção de professor de teatro, aquele que cria *estados de invenção*, aventura passa a ser vista como um deflagrador de

mudanças no que tange a práticas cotidianas nas aulas de teatro. Entendo que é de suma importância o papel do professor de Teatro na escola, pois este contribui, por meio de ações educativas, com o estímulo a afetividade, a trocas sensíveis e ao desenvolvimento da cognição da criança. A partir da experimentação, do entendimento do universo simbólico, do despertar de consciência e do senso crítico, a criança torna-se sujeito das práticas que realiza em sala de aula, e fora dela, abrindo-se para caminhos outros que levam ao aprofundamento dos vínculos com a escola e a família, como postulava Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, ao dizer que ensinar exige pesquisa,

> não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1997, p.32).

Sabendo do pouco espaço destinado à experiência teatral dentro da escola, busquei inspiração em autores como Tais Ferreira e Viola Spolin para investir em um trabalho que se demonstrou capaz de beneficiar os sentidos, as relações humanas e a formação de sujeitos, agentes de reflexão e senso crítico, perante a produção artística e a vida. Acredito que por meio de um espaço qualificado destinado ao ensino de teatro, em que o educador atua na perspectiva de professor propositor, somos capazes de educar melhor o olhar de crianças e jovens, além de partilhar o sensível, a esperança, a colaboração mútua no contexto escolar e comunitário.

Fig.12: Apresentação da Peça “Duelo de Mágicos”
Foto: acervo pessoal da autora

A imagem acima, resultado do trabalho de encenação e da prática de estágio I no segundo semestre de 2018, fez-me pensar que vivenciar uma experiência significativa em teatro na escola requer estudo, planejamento, escolha. Neste sentido, o livro *Teatro e Dança nos anos iniciais* (Ferreira e Falkembach, 2012) foi ferramenta importante, uma vez que contribuiupara pontuar ideias para o desenvolvimento de uma aprendizagem inventiva em Teatro. Ainda registro a contribuição de Porfíro(2006) que na proposta de alfabetização cênica, amplificou meu olhar para o processo de apropriação da linguagem teatral pelas crianças, bem como as reflexões de Bertoni (2002), com as questões pertinentes que tangenciam o teatro e o brincar, possibilitando compreender o desenvolvimento emocional e suas repercussões no processo educacional.

## 2.2. Um olhar sobre o jogo

Considerando a extensa publicação de textos de Jean Piaget, optei por selecionar a obra que tratasse mais especificamente do tema jogos simbólicos: *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho – imagem e*

*representação* (1978)[6]. O biólogo Jean Piaget, em seu livro “A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho – imagem e representação” (1978) também se dedicou ao entendimento do intuitivo no processo de construção do conhecimento. Embora não necessariamente iguais, a questão do intuitivo surge em ambos de forma contundente. Piaget ao se dedicar ao estudo do entendimento do pensamento simbólico, o define de forma mais circunscrita, chamando-o de “[...] pensamento intuitivo ou representativo” (PIAGET, 1978, p. 9).

No entender de Piaget (1978, p. 14), o conhecimento se dá também pelo jogo e no jogo, e, por consequência, se processa a

> “[...] constituição ou aquisição das significações coletivas”, à maneira que esse jogo simbólico consegue evocar signos e manipulá-los. Desse modo, o “[...] estudo da função simbólica nos parece dever abranger todas as formas iniciais de representação, da imitação e do símbolo lúdico e onírico” (PIAGET, 1978 p. 14).

De certa forma, Piaget aponta aqui, uma interrelação de dependência entre a prática da imitação, o jogo simbólico e o pensamento representativo imaginário, que, certamente se aprofundam no processo de desenvolvimento dos jogos teatrais elaborados por Viola Spolin.

Para o autor (1978 p. 11): [...] imitação constitui apenas uma das fontes da representação, à qual fornece, essencialmente, seus “significantes” imaginados. Em outro extremo, por sua vez, e do ponto de vista das significações pode-se considerar o jogo, ou a atividade lúdica, como conduzindo igualmente este processo da ação à representação, na medida em que evolui da sua forma inicial de exercício sensório-motor para a sua segunda forma de jogo simbólico ou o jogo de imaginação.

Nesse sentido, o jogar do jogo teatral torna-se um procedimento que amplia a percepção, em um processo de assimilação e acomodação, não de apenas se capacitar nas técnicas teatrais, como também em um exercício de aprofundamento e capacitação do jogador no processo de construção

6Para um maior aprofundamento sobre o tema sugiro a dissertação de Onira De Ávila Pinheiro Tancrede: “Jogos teatrais, pensamento simbólico e conhecimento intuitivo: diálogos entre Viola Spolin e Jean Piaget”(2017).

simbólica. Assim, os jogos teatrais têm ampliado sua importância, mostrando-se uma forma fundamental de vivência e de conhecimento não apenas teatral, mas de vida e na vida.

A criança poderá por meio dos jogos improvisacionais, estabelecer um contato com a realidade imaginada e vivida através de suas emoções, percepções e da própria intuição, tão importantes na interação social. Esse elemento é muito importante e fundamental para o desenvolvimento cognitivo, presente tanto nos estudos de Piaget (1978) sobre jogos simbólicos quanto nos registros de Spolin (2008) sobre jogos teatrais. O jogo teatral e a construção simbólica são elementos que promovem o desenvolvimento de educandos/jogadores a partir da prática de improvisação de formas lúdicas.

Situo que a partir destes pressupostos teóricos esta pesquisa buscou através dos aspectos metodológicos dos jogos teatrais a compreensão de como o conhecimento das características e das funções dos jogos simbólicos podem exercer influência na condução de propostas para o ensino voltado ao teatro, sob a perspectiva da construção simbólica das crianças/jogadores levando em consideração o pensamento intuitivo.

## 2.3. A importância do teatro nos anos iniciais

Fig. 13: Trabalhando o Faz de Conta com fantoche e personagem

Foto: acervo pessoal da autora

A figura 13 representa um dos momentos[7]que percebi o quanto é importante o teatro na infância. Que prazer assistir crianças fazendo teatro, dramatizando e dando vida aos seus sonhos e desejos, a partir de um corpo que encena brincando, ou seja, um corpo brincante, como diz na epígrafe no início deste capítulo. Identifiquei-me e me senti representada pelas crianças porque me fizeram voltar ao tempo... que fazer teatro começou na minha infância, quando eu era pequenina e contadora de histórias. Mas pensar hoje no papel de professora de teatro com coração borbulhante, fui atrás de pessoas que pensassem como eu ou perto das ideias foi aí que nasceu esses escritos a partir da leitura desses autores que estão amparando os meus passos na escola.

Porque é tão importante o teatro na infância?

Segundo Bertoni (2002) o teatro na infância

> discorre acerca da natureza espontânea e criativa do ser humano e da sua capacidade dramática e caracteriza a representação dramática como uma forma não discursiva, portanto capaz de expressar para além da linguagem verbal, os desígnios do sentimento humano(BERTONI, 2002, p.55).

A autora traz a expressão dramática infantil e a pedagogia do teatro tendo como embasamento as teorias de Piaget, e de que forma a construção do teatro surge pelas crianças. Para quem olha crianças falando de forma diferente, se vestindo com fantasias, desprendidas, livres, principalmente no espaço escolar num horário tradicional que deveriam estar sentadas uma atrás das outras, às vezes não tem a dimensão que esse é um momento de construção de conhecimento, trocas de experiências entre elas, de construção de hipóteses.

Para melhor entendimento, Bertoni nos chama atenção na sua citação acima que mesmo as crianças brincando de fazer de conta, elas constroem conhecimento. Porque as brincadeiras de faz de conta ocupam um lugar especial na vida das crianças, tanto dentro ou fora da escola. Pude ver de perto essa experiência com elas quando uns quatro alunos me pediram para fazerem

7Trabalho realizado durante o Estágio I, na turma de Educação Infantil, na EMEF Frederico Ozanan, no 2º semestre de 2018. Cabe ressaltar que essa turma hoje é sujeito desta pesquisa.

casa, dando continuidade do trabalho feito na escola, como por exemplo, uso de vídeos.

Um dos argumentos usados por Jean Piaget (1957, p.73) é:

> a de que a origem do conhecimento não reside na percepção, mas sim na ação: nossos conhecimentos não provem nem da sensação, nem da percepção somente mas da ação inteira, cuja percepção constitui apenas função de sinalização. O problema da inteligência não é realmente operatório. Portanto, as operações consistem em ações interiorizadas e coordenadas em estruturas de conjunto (reversíveis etc.) e se quisermos levar em conta este aspecto operatório da inteligência humana, é, pois, da própria ação e não da percepção apenas que convêm partir.

O primeiro fator dessa influência é representado pelos modelos de teatro dito para crianças, ou seja, os espetáculos de teatro infantil, frequentemente veiculadas, através da experiência escolar e das experiências proporcionadas na vida familiar das crianças. Segundo Bertoni, a ênfase na presença do teatro na escola como sistema de conhecimento a ser construído na interação da criança com a experiência estética se vinculado aos avanços do pensamento pedagógico em arte.

Ainda, Barbosa (1984, p.58-59) considera a importância do “ensinar a ver”, pois entende que a compreensão da história da arte e a apreciação artística não podem ser trancadas pela escola como “desvirginamento da expressão infantil, mas como um dos modos de iniciá-los no conhecimento, na fruição e na comunicação do e com o mundo”.

Ferreira soma-se a discussão aqui empreendida ao pontuar sobre o teatro e suas possibilidades na escola, que é de suma importância para refletir que não existe um teatro, mas sim vários teatros. Para a autora,

> Contemporaneamente, não podemos definir o teatro como um, mas, sim, como vários teatros. Ela explica que há diversas e variadas formas e se compreender o teatro, as manifestações dramáticas, a espetacularidade e a performatividade no mundo de hoje. (FERREIRA, 2012, p.14).

Quando se trabalha nas escolas, as primeiras noções que os alunos têm de teatro reportam-se a um único modelo. Então cabe a nós professores mostrar que são muitas as possibilidades de se fazer teatro. Ou seja, que a criação teatral ocorre em diferentes espaços, por exemplo, a rua, o circo, etc.

> Há quem considere inclusive, as formas cotidianas de nossos corpo sem ação como performance, ou seja, dotadas de teatralidade, comunicando, dizendo algo, querendo atingir o outro por meio de intenções que podem ser estéticas. No entanto, é importante salientar que no geral, o teatro está ligado ao extraordinário, àquilo que foge da vida mundana e torna-se uma fatia dentro da vida, que ocupa um espaço-tempo da vida real, faz parte dela. Relaciona-se com ela, mas não, necessariamente, é vida real. (FERREIRA, 2012, p.14).

A partir dessa citação foi então que me dei conta que as crianças estão o tempo todo teatralizando, mas sem saber, como se fosse um trânsito do real e não real. Nas aulas de teatro elas ficam entusiasmadas quando proponho algo como fazer o papel de uma mãe e sua filha conversando. Logo reproduzem cenas que trazem fatos do seu cotidiano, do seu repertório pessoal e imagético, exercitando sua imaginação e criatividade, dando sentido para seu jogo.

Nesta perspectiva, Porfiro (2006) foi o ponto de partida para pensar os desdobramentos de um ensino de Teatro numa escola da rede pública municipal, a partir de uma lógica onde o ensino de teatro dialogasse com o ensino fundamental oferecendo aos alunos uma experiência sensível.

Se pensarmos nos apelos que as crianças recebem da mídia, por exemplo, através de campanhas publicitárias e programas ricos em imagens e efeitos especiais e compararmos com o teatro que é realizado nas escolas, especialmente nas escolas públicas em que é comum reduzir prática artística às datas comemorativas, realmente a linguagem teatral não desperta a atenção das crianças.

Segundo Porfiro (2006), o alfabeto cênico é composto de espaço de jogos, corpo do jogador, objetos utilizados em cena, vocabulários teatrais, a histórias da comunidade, improvisações e ideias desenvolvidas nos jogos dramáticos.

Sabendo disso, busquei nos jogos propostos um caminho para a alfabetização cênica, apostando em uma prática lúdica, enfocando o desenvolvimento emocional, criativo e moral. Seus desdobramentos possibilitaram aos alunos lançar novos olhares sobre sua realidade, enquanto se sentiram sujeitos mais seguros, capazes de aceitar novos desafios, pois a experiência vivenciada foi capaz de transportá-los para o mundo do faz de conta, abarcando o sensível.

## 3. PERCURSO INVESTIGATIVO

A metodologia utilizada nesta pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa, com inspiração na pesquisa-ação. Para Thiollent (1986)

> *Pesquisa – Ação é um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.* (THIOLLENT, 1986, p.14).

A coleta de dados foi realizada na prática desenvolvida com os estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental da EMEF Frederico Ozanan. Como instrumentos de pesquisa: registros fotográficos, vídeos e escritas após as aulas. A prática consistiu de vivências oriundas das proposições da professora, explorando as possibilidades expressivas do sensível e do gesto criativo de cada criança.

Como fundamentação teórica da linguagem teatral: Taís Ferreira e André Luiz Porfiro. Ambos abordam propostas e metodologias do ensino de teatro, que ainda tem pouca inserção nas escolas de educação básica em nosso país. Em relação à fundamentação da prática: Viola Spolin. A partir de seu método busquei trabalhar os elementos básicos dos jogos, regras, jogadores e plateia, foco, instrução, avaliação. Em apêndice seguem os planos das aulas realizada.

Cabe ressaltar que Porfiro propõe um caminho baseado na desconstrução e construção/reconstrução de informações para aquisição de um conhecimento em teatro. A esse percurso metodológico, realizado em sala de aula, o autor denomina de alfabetização cênica, conceito fundamental a embasar esta pesquisa.

### 3.1 A prática realizada

Dia 14 de maio foi a minha primeira aula de teatro relacionada com a pesquisa do TCC. Era um dia muito ensolarado então, propus que saíssemos para o pátio e ficássemos em círculos para conversar. Eram só sorrisos, porque

essa minha turma gosta muito de teatro, são apaixonados. Isso com certeza ajudou muito no primeiro dia.

Quando todos já estavam sentados[8] comecei perguntando o que era teatro para eles? A inspiração para essa primeira aula foi baseada no livro “Teatro e Dança nos Anos Iniciais” das autoras Tais Ferreira e Maria Falkembach (2012).

1- O que eles acham do teatro?

2- Já assistiram a peças de teatro

3- Já fizeram teatro na escola, no bairro, na igreja?

4- O que conhecem sobre teatro?

5- Conhecem alguém que faz teatro?

6- Quais suas experiências sobre as aulas de teatro?

Também perguntei se o que fizemos no ano passado no Pré B era Teatro?

Durante essa conversa falei que iríamos fazer coisas muito interessantes de Teatro juntos. Todos queriam falar ao mesmo tempo, fiz o seguinte combinado: todos seriam ouvidos, mas para isso acontecer eu precisava que cada um falasse e era necessário que os outros escutassem, se não a “profe” como eles me chamam, não conseguiria entender.

E assim as falas das crianças foram: Teatro é ...

- Rickson:“tem que ter a presença de todo mundo”;
- Beatriz:“se fantasiar e brincar; aonde se apresenta alguma coisa”;
- Bruno:“é uma coisa engraçada”;
- Enzo:“imitar animais e uma pessoa que apresenta fantoche”;
- Kiara:“quando uma pessoa sobe no palco e apresenta fantoches”;
- Sabrina:“teatro é um palco com muita gente”;
- Iuri:“é fantoche”;
- Isadora:“teatro é quando cantamos lá em cima (palco)”
- Sophia:“não sei...”
- Isabelly Vitória:“quando uma pessoa apresenta um personagem”;
- Thiago: “o Teatro é aquilo que fizemos no ano passado no pré”;
- Olivia:“quando se coloca fantoche”;

8 Nesse momento eles quiseram ir no banheiro, tomar água e saíram em corrida aleatoriamente.

- Yuri:“é um lugar aonde se apresenta”;
- Lara:“quando dançamos e cantamos”.

Após eles responderem a minha pergunta, comentei que a “profe” era estudante de Teatro da UFPel se eles já tinham escutado esse nome e que no ano que vem me tornaria professora de teatro, por isso estava estudando tudo que se relacionasse com Teatro para ser uma boa professora.

Logo em seguida propus que se levantassem e fossem alongando o corpo, acordando-o para ficar pronto para fazer exercícios. Que percebessem o seu corpo mexendo os pés, as pernas, girando o quadril rebolando, depois as mãos, os braços, ombros, mexendo os rostos fazendo caretas, colocando a língua para fora e por final a cabeça. Todos em círculo e eu fiquei no meio para demonstrar a eles.

Após alongamento os aquecimentos com brincadeiras que envolve o corpo no sentido de coletivo, por exemplo se cumprimentar dando “oi” com os cotovelos, joelhos, cabeças, bundas, pés, dedos, ombros, olhos. Brincar em dupla com o jogo do espelho.A participação das crianças foi positiva e interessante. Foi possível perceber a empolgação e um movimento de se querer dar continuidade às aulas de teatro. Algumas das reações das crianças eram mais agitadas e outras mais silenciosas.

No último momento fizemos a reflexão de como tinha sido o nosso encontro com o Teatro. O retorno foi surpreendente, todos queriam de novo a aula de Teatro. Eles diziam: “profe” amanhã tem de novo? Assim terminei o primeiro dia de aula de Teatro (a parte prática da pesquisa) com os meus alunos.

Segundo dia de teatro fomos para o pátio, pois o tempo estava a nosso a favor, e assim dando sequência a aula anterior continuamos Teatro. Os procedimentos que utilizei foi no primeiro momento propor aquecimento com brincadeiras tradicionais como, por exemplo: *Passa passará* momento que todos participaram. Logo em seguida *Pega pega* e *Mamãe posso ir.* Depois fizemos um exercício de caminhada pelo espaço, trabalhando o sentido de coletivo. Por exemplo: todos caminhavam pelo espaço e quando eu falava Stop, todo deveriam parar e continuar. Fui propondo vários ritmos de caminhar, rápido, lento, de lado, planos alto, médio e baixos, fazendo sons, sozinho, duplas, trios, quartetos, de costas, colados de lado, etc. No segundo momento

conduzi uma simulação de palco, cenário (no qual improvisamos) com as cadeiras fazendo a divisão dos espectadores e os jogadores (crianças). Acabou desenrolando brincadeiras de faz de conta que gerou interesses em fazer vídeos, que foram mandados para meu Whatsapp.

No final da aula dei uma tarefa/tema de casa que serviu para ser desenvolvida na outra aula: trazer objetos que se podia usar, coisas que se serviria para o Teatro (óculos, panos, colares, batom,sapato velho, chapéus, casaco, lenços, bolsas,espelho, bonecas, etc.).

Nessa aula, as crianças se divertiram e compreenderam que através do teatro podemos transformar objetos, atribuir outros sentidos. O jogo do Stop é o preferido deles, por isso eu não podia deixar de trabalhar, porque já fazia parte das aulas. O fascinante desse jogo é que estava tão internalizado que sempre funcionava, a aula rendia, pois existia uma concentração, surgindo também, desdobramentos para outras brincadeiras.

A questão dos vídeos surgiu por ser uma escolha da turma gostar do youtuber Luccas Neto, que fala de coisas de como aventureiros viram animais etc.  Eles chegaram a se ajoelhar para que eu deixasse eles fazer vídeos, claro que deixei, ainda combinei com pais que me mandassem pelo whatsapp. E como professora curiosa fui pesquisar quem era o Luccas Neto.

Fig. 14: Roda de conversa Foto: acervo pessoal da autora

No terceiro dia de aula estávamos todos sentados em círculo no pátio conforme foto 16, nosso espaço preferido das aulas. Nossa conversa iniciou com uma explicação de que muitas vezes o nosso corpo dorme e acorda, descansa, dança, canta, pula, respira, brinca... Então após essa conversa solicitei que se levantassem e alongassem o corpo. Ou seja, que acordassem para ficarem prontos para fazer exercícios. Que percebessem o seu corpo mexendo os pés, as pernas, girando o quadril rebolando, depois as mãos, os braços, ombros, mexendo os rostos, fazendo caretas, colocando a língua para fora e por final a cabeça. Todos estavam em círculo. Eu fiquei no meio para demonstrar a eles.

Após o alongamento veio o aquecimento com brincadeiras que envolvia o corpo num todo e no coletivo, por exemplo, segue o mestre nos seus movimentos, depois trocava o da frente e assim ia sucessivamente. A brincadeira *vivo morto torto*. No segundo momento fizemos algumas improvisações a partir dos objetos trazidos por eles em trios, grupo e o jogos de mímica. E nós da plateia tínhamos que adivinhar. O espaço que foi utilizado era a sala de aula, como um dos lugares que também se pode fazer teatro, dentro das suas limitações. As escolhas das brincadeiras vieram um pouco da memória da minha infância, no qual apresentei para eles. Por exemplo, *Mamãe posso ir, Ovo podre, Fita*, brincadeiras de universo que pertencia ao mundo infantil da professora deles.

A participação deles sempre foi colaborativa, e muito prazerosa, também desafiante, eu tinha um tema de casa que era montar aulas que não desgostasse e não fizesse perder o gosto pelas aulas de teatro. Mas a minha motivação eram as crianças que cooperavam nas aulas, fazendo os exercícios, dando sugestões, criticas. Por elas as escolhas dos caminhos ficavam mais amorosos e alegre, simples assim, como mostra a foto 15 do abraço coletivo no final das aulas.

Fig. 15: Fim de aula num abraço coletivo Foto: acervo pessoal da autora

Fig. 16: Exercício Vivo, Morto, Torto

Foto: acervo pessoal da autora

Fig. 17: Teatro na sala de aula

Foto: acervo pessoal da autora

No quarto dia da aula de teatro, no primeiro momento quando falei vamos acordar os nossos corpos todos saíram correndo e gritando para pátio. Nesse dia levei músicas de vários ritmos do grupo “Palavra Cantada” para mexer o esqueleto. Logo em seguida do alongamento aconteceu o aquecimento. Levei bolinhas de tênis para trabalhar atenção e concentração em roda. Eu coloquei uma bolinha no círculo para iniciar e depois fui colocando outras pra desafiar a atenção da turma. Posteriormente jogamos o jogo da estátua e escultor da Viola Spolin e o jogo telefone sem fio. Ao colocar música a participação das crianças foi contagiante, pareciam pipocas, logo em seguida passei para elas uma bolinha amarela de tênis e fui brincando de jogar primeiro para um depois sucessivamente para outro. Trabalhei a atenção, o equilíbrio, o olhar, a escuta, o corpo inteiro. Com o jogo da estátua surgiram imagens engraçadas, comuns, diferentes, subjetivas, esse jogo também era um dos preferidos deles. Com o escultor o trabalho foi em duplas, isso já exigia trocas, parceiros, afinidades funcionavam muito bem, não tinha problemas. Em relação ao telefone sem fio, o engraçado era quando um falava muito baixo ou outra coisa que ouviu e no final era outra coisa. Nessa hora eles questionavam em que momento tinha iniciado diferente, mas eu sempre falava que o importante era brincarde*Telefone sem fio*.

No segundo momento fizemos improvisações sobre personagens que cada um criou. Os personagens que foram criados eram do imaginário de monstros horripilantes, a figuras familiares, como por exemplo, mães, pais, filhos, etc. Eles puderam escolher se queriam fazer em dupla ou trios. Levei panos, tecidos, chapéus, material que pudesse enriquecer as improvisações. O único problema que tínhamos era o tempo como era dentro de um espaço de escola, éramos controlados pela rotina escolar, quando estava acontecendo o trabalho tinha que interromper. Mas, dávamos continuidade no outro dia, no horário do recreio. Eu achava maravilhoso esse interesse deles.

Fig. 18: Improvisação

Foto: acervo pessoal da autora

Essa cena encantou-me. Ver a disposição de todos porque até ingresso existiu e foi vendido. Tudo foi organizado por eles como mostra na foto abaixo. Cabe ressaltar que o ingresso era ecológico, de folhas que eles pegaram no campo.

Fig. 19: Ingresso da improvisação

Foto: acervo pessoal da autora

Fig. 20: Improvisação

Foto: acervo pessoal da autora

No primeiro momento do quinto dia de aula dei um tempo para eles explorarem os figurinos, acessórios que temos no nosso canto do teatro. Fizemos um desfile dos personagens criados por eles e vimos as suas performances. Logo sugeri: vamos ver como esses personagens andam, como eles dançam, se comem, alimentam, onde moram, etc. Como esses personagens vieram para a escola hoje, a pé, de carro, de ônibus, de bicicleta, etc. Também retomando a aula anterior que foram as improvisações. O desenvolvimento da apresentação das personagens das crianças foi variado, pois tínhamos os tímidos e os mais espontâneos que já chegaram chegando, fazendo a apresentação que era, imitação de uma diretora de escola, professora, mãe, pai, filhos, até animais surgiram como gatos, cachorros e seus donos. Já os tímidos imitavam as escolhas dos colegas mais soltos. Às vezes surgia clima de briga, eu tinha que acalmar os ânimos, as queixas eram: o colega está me copiando profe? Tinha que ter jogo de cintura, e em alguns momentos ficava difícil buscar um consenso para todos, mas no final tudo se apaziguava.

No sexto dia de aula dei continuidade aos nossos rituais de iniciação das aulas mexendo o corpo no primeiro momento. Alongando com jogos de equilíbrio, andar de pé, só, correr de um pé só, seguir o mestre, jogo das

caretas: alegre/triste, zangado/feliz e a dança dos animais: propus a imitação dos animais que por sinal eles amam. Durante essa aula o interesse das crianças foi caracterizado como algo que já fazia parte da rotina deles, eu ia propondo, eles automaticamente compreendiam a minha fala, o que eu pedia. Os corpos estavam familiarizados com os jogos. Então propus mexer com algumas partes do corpo como, por exemplo, os pés, buscando todas as possiblidades que se pode explorar com essa parte do corpo. Para essa turma não tinha tempo ruim, se era para se deitar no chão num piscar de olhos estavam todos deitados conforme foto 23. Busquei nessas aulas estar atenta e animada, com a energia lá em cima, para motivar, mostrar que o jogo é legal, interessante. Creio que nosso papel é estimular, instigar para se autoconhecer durante os exercícios. No segundo momento fizemos várias improvisações de ações dramáticas: pegar um ônibus, levar um grande susto, um robô andando, trajetos e exploração de movimentos e caminhadas.

Fig. 21: Jogos Teatrais
Foto: acervo pessoal da autora

Sétima aula de teatro dando continuidade aos nossos rituais de iniciar aula, turma sentada no centro do pátio. No primeiro momento fizemos brincadeiras tradicionais para fazer alongamento com o corpo, despertando a percepção através das brincadeiras que foram de pega pega, cabra cega e do coelhinho sai da Toca. Alguns bambolês espalhados pelo espaço, em número menor que o número de alunos. Ensinei a brincadeira “Coelhinho na toca” que

consiste em todos passeavam pelo espaço, entre os bambolês, até o comando “Coelhinho na toca!”. Nesse momento, os alunos entraram nos bambolês, sendo um aluno em cada bambolê. E levei músicas de vários ritmos para mexer o esqueleto da turma. O aluno que sobrasse, poderia virar caçador ou trocar o comando para: “Dois coelhinhos na toca!” Turma no centro da sala, caminhando pelo espaço e movimentando variadas partes do corpo, de acordo com o comando. Marcação de pulso de tempo rítmico, enquanto os alunos acompanham com sílabas: bá, lá, má, lá, cá, lá, tá, lá. Ao meu comando, pararam em uma pose e mantiveram a imobilidade, até o próximo comando. Pararam em duplas, trios, quartetos, até reunir todo o grupo na mesma pose. No segundo momento: retomei a aula anterior para já construir histórias/narrativas. O movimento que as crianças mostraram nessa aula foi de contagiar. Eu vinha observando os avanços que eles demonstravam no sentido da postura com relação às propostas dos jogos, as brincadeiras fluíam de uma forma que aparecia uma linguagem estética. As crianças me ajudavam a ser uma professora de teatro que me aventurava a reinventar as aulas de teatro juntos com eles.

As experiências narrativas que eles traziam eram sempre do âmbito familiar, escolar do mundo dos monstros, fadas, princesas, super-heróis. Que salvavam o mundo de algum perigo. Ou de se esconder, ou esconder algo também aparecia nas histórias criadas por eles.

Na oitava aula começamos fazendo a concentração do grupo na sala antes de se apresentar tirando todas as dúvidas, dando segurança e lembrando que essa apresentação não seria nossa primeira vez, que nós já fizemos apresentação antes. Além disso, frisei com a turma que era a partilha do que vivenciamos no decorrer das aulas. Posteriormente fui até o pátio para ver se estava tudo ok. Iniciamos assim nosso ensaio aberto /apresentação como resultado das aulas de teatro. Também retomei como foram as aulas no decorrer das semanas para os alunos e refletimos sobre a apresentação.

Fig. 22: apresentação para escola de um exercício

Foto: acervo pessoal da autora

Fig. 23: apresentação para escola de um exercício

Foto: acervo pessoal da autora

Fig. 24: apresentação para escola/ensaio aberto
Foto: acervo pessoal da autora

***

A prática docente de assumir o ser professora de teatro saindo do papel de pedagoga foi importante para me sentir pertencente ao universo teatral, artístico, me permitindo mergulhar nesse mar de possibilidades de sentidos. Proporcionou-me uma experiência, uma leitura do ensino de teatro dentro do contexto escolar de forma criativa e pela via da improvisação espontânea. Compreendo que os jogos dramáticos e teatrais ganharam sentido quando os meus alunos acreditaram e se entregaram aos jogos, jogando comigo em cada proposição que fazia.

A alfabetização cênica aconteceu quando eu perguntei e apresentei para as crianças o que era Teatro e suas possibilidades e juntos, no decorrer das aulas, ampliamos nossos repertórios do que era e poderia ser teatro. Alguns falaram que têm que ter público, figurinos, histórias, pessoas, animais, risadas, choros, espaço, lugar etc. Deste modo, foram construídas possibilidades de que o teatro é conhecimento, que temos que nos apropriar, saber o que se trata, que é necessário ensaio, exercícios e que faz parte de nosso contexto, ou seja, está bem perto da gente.

No decorrer das aulas indaguei as crianças sobre as atividades vividas e constatei que elas perceberam que se tratava de aula de Teatro, e que aos poucos foram construindo entendimento de leitura e conhecimento teatral. Os deslocamentos dentro do espaço da escola como quadra, sala de aula foram

inevitáveis, uma vez que as crianças descobriram relações que pode ser modificado e transformado em lugares que criamos com a nossa imaginação. Por exemplo: salas de aula que viraram castelos, como se não existisse limites para nossa criatividade.

Espaços virando esboço de cenários, onde podíamos experimentar viajar num ônibus feito de cadeiras escolares. Lençóis, panos coloridos que virou cabelos, capas. O teatro modificando nossa realidade.

Nossos encontros foram caracterizados com muita liberdade de experimentação. Soares (2006), no texto *O teatro e Educação na escola pública: uma situação de jogo nos esclarece* que: “nesse trânsito entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objeto, estabelece-se o campo do conhecimento. Um conhecimento que pressupõe a presença do outro” (SOARES, 2006, p.?).

Cada experiência vivenciada nas práticas me colocou em contato direto com as dificuldades e necessidades imediatas dessas crianças. Isso contribuiu para a formação como docente do Curso de Teatro, na medida em que ajudou a construir manobras para lidar com as situações delicadas e os acasos que acontecem durante o processo de trabalho. Neste, aliás, é onde o professor-artista, em formação, se prepara realmente para enfrentar os desafios que constituem o cotidiano escolar.

## AS LIÇÕES.... REFLEXÕES FINAIS

Ao aceitar o desafio de criar as aulas de teatro para crianças dos anos iniciais no contexto descrito, comecei a estabelecer um outro tipo de relação também com as demais áreas do conhecimento. Cabe destacar que não se tratava de um mero rompimento com as formas tradicionais com que o instituído dominantemente tenta tratar o conhecimento ou as experiências.

As escolhas que fiz nesses caminhos da pesquisa foram propositoras, inventadas e *achadores de si*, por lugares pouco explorados, valorizados, mas que de alguma forma alteraram a minha percepção de pesquisadora, no modo de pensar, agir e sentir.

Para Thiollent (2003), na pesquisa-ação e na pesquisa participante, o pesquisador é um deflagrador de *mudanças,* e há que se considerar, neste processo, o seu próprio corpo, apostando na integralidade entre sentir e pensar como prática pedagógica em Teatro.

O processo educativo que a sensibilidade e o teatro provêm, portanto, são altamente dinâmicos. Nele, o homem, ao transformar a natureza, também se transforma, e mais do que isto, não somente percebe as transformações, como, sobretudo, se percebe nelas. É preciso que eduquemos nossa sensibilidade e o façamos através da arte teatral porque, transformamos as matérias com que lidamos e não as descaracterizamos, mas buscamos compreendê-las melhor, as impregnamos como nossas significações e sentidos. A percepção, como veremos mais adiante, necessita da criação para se fazer.

A importância do ensino de Teatro nos anos iniciais, expressa nas experiências proporcionadas às crianças que participaram da investigação, fica potente quando entendemos que o imaginário de cada um precisa ser alimentado tanto quanto esvaziado de excesso de imagens. O Teatro na escola é um caminho para este exercício. Se nossos sentidos são um dos meios pelo qual toda informação chega até nós, através deles percebemos o mundo, e não há como negar, neste processo, a importância dos sentidos na cognição e na criação. Por que

> [...] todo ato criador passa pelo crivo sensível da sensorialidade corpórea que pulsa por exercitar seus poderes, suas potências de vida. O exercício é o mesmo da brincadeira, da vivência lúdica da infância. Primeiro momento, ato inaugural que nunca se repete igual. Há sempre o novo a desafiar impulsos, pontos de vista, padrões de atenção, percepção e entendimento que dão partida e chegada ao que já foi aprendido e incorporado. (MEIRA, 2014, p 04)

Se as aulas de Teatro podem contribuir para este propósito, cabe ao professor em artes encontrar os meios necessários, abandonar receitas prontas e velhos modelos e criar outros caminhos possíveis para um desabrochar do corpo que possibilite novas relações, diferentes confabulações, interlocuções inovadoras. Este foi um dos objetivos desenvolvidos nas aulas, nos nossos encontros.

Parti do pressuposto do educador Paulo Freire que, de forma recorrente em sua obra, afirma a necessidade de estabelecer (re) lações éticas, estéticas e afetivas entre educando e educadores, uma vez que acredita como eu, no professor comprometido não apenas com sua profissão, mas também socialmente. Um verdadeiro cidadão, que tem clareza de suas responsabilidades e que trabalha para transformar *"seu"* universo, bem como de seu entorno.

Durante a pesquisa me vi muitas vezes sendo atravessada por sentimentos de como nossos saberes são insuficientes, e que cada dia se aprende coisas novas, principalmente com as, falas das crianças, isso tudo me transformou na professora de teatro, mexeu comigo, me provocou, me fez me reinventar de novo, um olhar, um diálogo, um afeto.

Penso que o ato/ação teatral é um processo de pesquisa que sai do seu lugar para transformar, repensar, por isso tenho que ter delicadeza, cuidado, respeito, responsabilidade, amorosidade, pois estamos lidando com corpos, almas, sentimentos.

Apesar de ser já Pedagoga, essa experiência me rejuvenesceu, me encheu de esperança, na perspectiva de Paulo Freire. Voltei a respirar e acreditar de novo que é possível através da Arte transformar. Que os

problemas não serão eliminados, não vão desaparecer e nem podem ser ignorados, mas a partir deles que eu vou criar possibilidades.

Vivi o processo em minha carne de professora de teatro, que sofre, ama, se altera, discute, ama, mas de qualquer forma nos traz uma configuração diferenciada nos modos de ensinar e aprender Teatro, principalmente nos espaços escolares. E que aprendeu mais uma vez que é preciso cuidar atentamente da qualidade dos encontros, o que tem sido uma meta, cada vez mais, das instituições culturais, artísticas, cientificas, educacionais. Segundo Martins (2012) "[...] encontros com diferentes realidades podem a princípio parecer distantes, externas e estranhas. Encontros que exigem atitudes pedagógicas que podem reforçar e instigar a construção de significações. É por isso que uma atitude investigativa é vital". (MARTINS, 2012, p.13).

Para Meira e Pilotto (2010) a criação é um processo que mobiliza

> [...]afetos e percepções, sendo a arte uma prática cujo desempenho requer articular elementos atuais e virtuais (...) engendra sensações como acontecimentos, ou seja, vivência de emoções e sentimentos que são condensados, intensificados para serem percebidos e afetar o outro por meio de sensações, direta e indiretamente (MEIRA; PILOTTO, 2010, p. 66).

No momento compreendo que algumas coisas mudaram em mim a partir desse trabalho, contatos com leituras diferenciadas, amadureceu o meu repertório a minha percepção e compreensão sobre o Teatro, o ético e estético na educação, somados ao prazer do viver.

Através de Mia Couto (2006, p.07), me expresso poeticamente:

> Não é da luz que carecemos. Milenarmente a grande estrela iluminou a terra e, afinal, nós pouco aprendemos a ver. O mundo necessita ser visto sob outra luz: a luz do luar, essa claridade que cai com respeito e delicadeza. Só o luar revela o lado feminino dos seres. Só a lua revela intimidade da nossa morada terrestre. Necessitamos não do nascer do Sol. Carecemos do nascer da Terra.

Foi numa sala de aula cheia de tesouros, que eu descobri as preciosidades que eram aquelas crianças, que em todas as atividades o corpo foi envolvido e eu afetada. Saio satisfeita, de missão cumprida e com o coração batendo mais forte pela arte-educação e pela pedagogia teatral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia; AGUALUSA, José Eduardo. **Chovem na Rua do Matador**. Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/mia-couto-e-jose-eduardo-agualusa-em-entrevista-conjunta.> Acesso em: 24/11/2019

FERREIRA, T. FALKEMBACH, M.F, **Teatro e Dança nos anos iniciais.** Porto Alegre:Mediação, 2012.

FERREIRA, Taís. **A Escola no Teatro e o Teatro na Escola**. 2. Ed. Porto Alegre:**Filosofia da Criação**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à práticaeducativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
Mediação, 2010.

MEIRA, Marly R. PILLOTTO, Sílvia S. **Arte, afeto e educação:** a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010a.

MEIRA, Mirela Ribeiro; SILVA, Ursula Rosa da(Org.). **Ensino de arte e (des)territórios pedagógicos**. Pelotas: Ed. Universitária, 2010.

PORFIRO. André Luiz. A Alfabetização Cênica: Um Percurso no Ensino de Teatro. 2016. In: TAVARES, Renas (org.). **Entre coxias e recreios**: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. São Caetano do Sul, SP: Yendis, Editora, 2006.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos Santos. **Atenção! Crianças brincando! In:** CUNHA,**As Artes no Universo Infantil**, Ed. Mediação: 2014 3ª edição

SOARES, Carmela. O teatro e Educação na escola pública: uma situação de jogo. In: TAVARES, Renas (org.). **Entre coxias e recreios**: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. São Caetano do Sul, SP: Yendis, Editora, 2006.

SPOLIN Viola, **Jogos teatrais para a sala de aula: uma manual para o professor** – São Paulo: Perspectiva, 2007.

SPOLIN Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2003

Telles &Florentino.**Cartografias do Teatro,**2009. Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_cartografias_do_teatro_2009_0.pdf

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1986.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – PROPOSTA PEDAGÓGICA E PLANOS DE AULA

### PROPOSTA PEDAGÓGICA

**Dados de identificação:**

**-** Orientadora: AndrisaKemel Zanella

**-**Pesquisadora: Joelma Santos Castilhos

- Ano: 1ª ano dos Anos Iniciais

- Período: 2 horas/atividade por semana

**Tema:** Teatro, Alfabetização Cênica, Infância.

**Conteúdos:** Elementos da linguagem teatral; Jogos dramáticos (Faz de conta); Jogos Teatrais; Improvisação; Criação de Cenas.

**Objetivos:**

Vivenciar a linguagem teatral na escola a partir de jogos dramáticos e teatrais.

**Objetivos Específicos:**

- Problematizar o que é teatro;
- Reconhecer os elementos da linguagem teatral;
- Jogar;
- Improvisar;
- Construir personagens;
- Criar cenas;
- Partilhar a experiência teatral com a escola.

**Metodologia:** Aula dialogada e trabalho prático. Exercício de observação, trabalho coletivo, ritmo, de olhar e escutar e expressão corporal. A partir do faz de conta iremos criar cenas,passando pelos jogos teatrais e improvisação. Saber o que é teatro, reconhecer os elementos teatrais, jogar, construir personagens, improvisar e ver como se estrutura as cenas.

**Recursos das aulas:** Quadra da escola (espaço aberto) - se chover vamos pra sala de aula; Fotografias; Aparelho de som; Figurinos; Bolas; Bambolês; Objetos diversos.

**Avaliação das aulas:** A aula será considerada satisfatória se as crianças responderem bem as atividades propostas, demonstrando interesse durante o processo.

**PLANO DE AULA 1**

1)Conteúdo: O que é Teatro?

Jogos teatrais enfocando a expressão corporal

Faz de conta

2)Desenvolvimento: No primeiro momento: farei uma roda no pátio e perguntarei o que é Teatro? baseada no livro das autoras Tais Ferreira e Maria Falkembach.

1- O que eles acham do teatro?

2- Já assistiram a peças de teatro

3- Já fizeram teatro na escola, no bairro, na igreja?

4- O que conhecem sobre teatro?

5- Conhecem alguém que faz teatro?

6- Quais suas experiências sobre as aulas de teatro?

Também perguntarei se o que fizemos no ano passado no Pré B era Teatro.

Durante essa conversa falarei que iremos fazer coisas muito interessante de Teatro junto, que iremos construir muitas coisas legais.

Logo em seguida vou pedir que se levantem e iremos alongar o nosso corpo, acordar para ficar pronto pra fazer exercícios que eles percebam o seu corpo mexendo os pés, as pernas, girando o quadril rebolando, depois as mãos, os braços, ombros, mexendo os rosto fazendo caretas, colocando a língua pra fora e por final  a cabeça. Todos em círculo e eu ficarei no meio para demonstrar a eles.

Após alongamento vem o aquecimento com brincadeiras que envolvem o corpo no sentido de coletivo, por exemplo se cumprimentar dando oi com os

cotovelos, joelhos, cabeças, bundas, pés, dedos, ombros, olhos. Brincar em dupla com espelho.

No terceiro momento faremos a reflexão da aula.

**PLANO DE AULA 2**

1) Conteúdo:

Conhecendo o que é Teatro?

Jogos teatrais

2) Desenvolvimento: No primeiro momento: vou pedir que se levantem e iremos alongar o nosso corpo, acordar para ficar pronto pra fazer exercícios que eles percebam o seu corpo mexendo os pés, as pernas, girando o quadril rebolando, depois as mãos, os braços, ombros, mexendo os rostos, fazendo caretas, colocando a língua pra fora e por final a cabeça. Todos em círculo. Eu fico no meio para demonstrar a eles.

Após o alongamento vem o aquecimento com brincadeiras que envolvem o corpo no sentido de coletivo, por exemplo caminhando pelo espaço e quando a professora falar stop(para) para e continua e vou propor vários ritmos de caminhar, rápido, lento, de lado, planos alto, médio e baixos, fazendo sons, sozinho, duplas, trios, quartetos, de costas, colados de lado, etc.

No segundo momento: vou fazer uma simulação de palco, cenário (irei improvisar) com as cadeiras fazendo a divisão dos espectadores e os artistas.

No terceiro momento faremos a reflexão da aula.

Darei uma tarefa/tema de casa que vai servir para ser desenvolvida na próxima aula, que eles tragam objetos que se pode usar, coisas que se serve para o Teatro (óculos, panos, colares, batom,sapato velho, chapéus, casaco, lenços, bolsas,espelho, bonecas, etc.

**PLANO DE AULA 3**

1) Conteúdo:

Espaço/lugares de(o) Teatro na escola

Elementos teatrais

Jogo dramático

2) Desenvolvimento: No primeiro momento: vou pedir que se levantem e iremos alongar o nosso corpo, acordar para ficar pronto pra fazer exercícios

que eles percebam o seu corpo mexendo os pés, as pernas, girando o quadril rebolando, depois as mãos, os braços, ombros, mexendo os rosto fazendo caretas, colocando a língua pra fora e por final a cabeça. Todos em círculo eu fico no meio para demonstrar a eles.

Após o alongamento vem o aquecimento com brincadeiras que envolve o corpo no sentido de coletivo, por exemplo se cumprimentar dando oi com os cotovelos, joelhos, cabeças, bundas, pés, dedos, ombros, olhos.

No segundo momento: Faremos uma improvisação a partir dos objetos trazidos por eles em trios - será o jogo da mímica. E nós da plateia vamos ter que adivinhar.

O espaço utilizado será a sala de aula como um dos lugares que também se pode fazer teatro dentro das suas limitações.

No terceiro momento faremos a reflexão da aula.

**PLANO DE AULA 4**

1) Conteúdo

Jogos Tradicionais

Jogos em grupos

Jogo dramático

2) Desenvolvimento

- No primeiro momento: alongamento: alongar o nosso corpo, acordar para ficar pronto para fazer exercícios que eles percebam o seu corpo. Levarei músicas de vários ritmos para mexer o esqueleto.

Após alongamento vem o aquecimento que vou levar bolinhas de tênis para trabalhar atenção e concentração todos em roda, eu coloco uma bolinha no círculo pra iniciar e depois vou colocando outras pra desafiar a atenção do grupo. Jogo da estátua e escultor, jogo do telefone sem fio,

-No segundo momento: Faremos uma improvisação sobre personagens que cada um vai criar pode ser em dupla /trios.

-No terceiro momento faremos a reflexão da aula.

**PLANO DE AULA 5**

1) Conteúdo

Jogos Tradicionais

Jogos em grupos

Faz de conta/dramatização.

2) Desenvolvimento: No primeiro momento: darei um tempo para eles explorarem os figurinos, acessórios que temos no nosso canto do teatro. Faremos um desfile dos personagens montados por eles.

No segundo momento: faremos um desfile dos personagens criados por eles e veremos as suas performances, vamos ver como esse personagem anda, como ele dança, se come, aonde mora,etc. Como esse personagem veio para escola hoje, se veio a pé, de carro, ônibus, bicicleta, etc. Retomando a aula anterior.

No terceiro momento faremos a reflexão da aula.

**PLANO DE AULA 6**

1) Conteúdo

Jogos Tradicionais

Jogos em grupos

Construção de cenas a partir da improvisação

2) Desenvolvimento: No primeiro momento: alongamento com jogos de equilíbrio, andar de pé só, correr de um pé só, seguir o mestre, jogo das caretas: alegre/triste, zangado/feliz e a dança dos animais: propõe se a imitação dos animais.

-No segundo momento: Faremos várias improvisações de ações dramáticas: pegar um ônibus, levar um grande susto, um robô andando. Vou construir trajetos com fitas durex coloridas no chão e vamos explorar movimentos e caminhadas.

No terceiro momento faremos a reflexão da aula.

**PLANO DE AULA 7**

1) Conteúdo

Jogos Tradicionais

Jogos em grupos

Cenas Teatrais

2)Desenvolvimento: No primeiro momento: alongamento: alongar o nosso corpo, acordar para ficar pronto pra fazer exercícios que eles percebam o seu corpo. Levarei músicas de vários ritmos para mexer o esqueleto.

Após o alongamento vem o aquecimento que vou levar bolinhas de tênis para trabalhar atenção e concentração. Todos em roda, eu coloco uma bolinha no círculo para iniciar e depois vou colocando outras para desafiar a atenção do grupo. Jogo da estátua e escultor, jogo do telefone sem fio.

No segundo momento: Iremos retomar a aula anterior para já construir histórias/narrativas (as cenas teatrais).

No terceiro momento faremos a reflexão da aula.

**PLANO DE AULA 8**

1) Conteúdo

Jogos Tradicionais

Jogos em grupos

Cenas Teatrais (Ensaio aberto - partilha da experiência vivida com os demais colegas da escola)

2)Desenvolvimento: No primeiro momento: faremos a concentração do grupo na sala antes de se apresentar tirando todas as dúvidas, dando segurança e lembrando que essa apresentação não será a nossa primeira vez, que nós já fizemos apresentação antes. Também ver se o cenário está tudo ok.

No segundo momento: Retomaremos as aulas anteriores, faremos um ensaio aberto /apresentação como resultado das aulas de teatro.

No terceiro momento faremos a reflexão da apresentação.